

II Simpósio de Pesquisa do Ecosistema Ânima:
Juntos pelo Conhecimento: um novo saber cria um novo amanhã

ESPACIALIDADE E AFETO EM FELIZES JUNTOS, DE WONG KAR-WAI

Autor: Leandro Forgiarini¹; Dr. Jamer Guterres de Mello²

RESUMO

A pesquisa está centrada na abordagem da obra cinematográfica “Felizes Juntos” (1997), de Wong Kar Wai, e alarga o tema das espacialidades ao aproximar o cinema asiático à realidade socioespacial do Ocidente. A produção chinesa é baseada na obra literária “The Buenos Aires affair”, do escritor argentino Manuel Puig, e explora o manancial de desejos e repulsa de uma relação homoafetiva que transita desenraizada por entre os espaços e lugares idealizados por Wong Kar Wai. Tendo como ponto de partida a sensação de estranhamento do sujeito errante, seja na figura do imigrante e/ou do exilado que anseiam avidamente orientar-se em meio à falta de um porto-seguro, a narrativa se constrói a partir de panorama essencialmente geográfico e, nesse sentido, o filme pode ser legitimado enquanto objeto de estudo apto a ser revisto pelas lentes das análises espaciais.

Palavras-chave: Espaço; Cinema; Lugar; Wong Kar-Wai

INTRODUÇÃO

“Felizes Juntos” (1997), do diretor chinês Wong Kar-wai, é um filme que tem sua narrativa construída a partir do olhar de estranhamento, seja através da figura do turista, imigrante ou exilado que anseia avidamente orientar-se em meio à ausência de um porto-seguro, seja pela falta de entendimento a respeito de uma relação amorosa que jamais cumpre o seu devir de felicidade. De certo, a afetividade ensaiada pelo título em português, tradução literal do

¹ Graduando em Cinema e Audiovisual, Universidade do Sul de Santa Catarina – UniSul. Campus Pedra Branca. E-mail: leandroforgi@gmail.com

² Trabalho desenvolvido sob a supervisão do Prof. Dr. Jamer Guterres de Mello, como parte da pesquisa de iniciação científica intitulada: “A organização do espaço no cinema”.



inglês que toma emprestado o nome da canção “*Happy Together*”, da banda norte-americana *The Turtles*, sinaliza a tentativa frustrada de sustentação do único espaço cognoscível interposto entre os dois personagens protagonistas. Lai Yiu-fai e Ho Po-wing formam o casal homoafetivo da trama, que movido pelo desejo de reavivar o relacionamento e conhecer as cataratas do Iguazu, saem de Hong Kong e vão parar na capital argentina, Buenos Aires.

O enredo, livremente inspirado no romance do escritor Manuel Puig, “*Buenos Aires Affair*”, acompanha as desventuras desse casal, que, entre as idas e vindas de uma relação conturbada, transita entre o pequeno cômodo de uma precária pensão, uma cozinha insalubre, ruas banhadas por luzes de neon e redutos da boemia portenha onde ecoam notas de acordeom.

Os estilhaços do relacionamento acabam se misturando a esses fragmentos de espaços urbanos alheios à suas condições de afeto. A utopia da busca pelo lugar idealizado condicionada pelo sentimento de abandono e solidão que torna impraticável o estreitamento dos laços de toponímia expõe a complexidade de uma obra cinematográfica formada pela sobreposição de múltiplas camadas espaciais. Wong Kar-wai conduz tudo com a potência lírica e estética que lhe é característica e, particularmente nesse filme, o diretor aprimora o exercício de um olhar desterritorializado e transcultural que sustenta tanto o descompasso da relação dos personagens em terras estrangeiras, quanto a sua própria visão de mundo.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este trabalho atenta-se a essas problemáticas espaciais, onde as dimensões de lugar e território compõem não apenas a formatação da *mise-en-scène* e das escolhas estéticas direcionadas pela fotografia, mas principalmente apontam para os tons da narrativa e do discurso dos sentidos. O panorama é essencialmente geográfico e, nesse sentido, o filme pode ser validado enquanto objeto de estudo apto a ser revisto pelas lentes da análise espacial. Logo, o cabedal conceitual da geografia se apresenta como ferramenta de esteio para o desenvolvimento da abordagem pertinente à teoria do espaço



no cinema, já que as categorias espaciais formam um lastro de conhecimento tanto na ciência geográfica, quanto para o fazer cinematográfico.

Território, paisagem e lugar aglutinam-se no modo de realização da obra de Wong Kar Wai, seja através das orientações narrativas pautadas pelo roteiro, seja pelas opções estéticas evidenciadas na mise-en-scène, ou pelos artifícios técnicos cooptados para conduzir o olhar do espectador a partir de enquadramentos, recortes e movimentos de câmera que articulam espaço-tempo. A partir dessa abordagem foi possível delimitar um campo exploratório próprio para o desenvolvimento da pesquisa, vinculada ao contexto das espacialidades e tendo o cinema asiático como referência de estilo e linguagem.

A obra “Felizes Juntos” repercute o debate relativo ao espaço, não apenas por conta da relevância da cinematografia do diretor chinês, mas, sobretudo, por alargar o tema das espacialidades ao aproximar a produção asiática, claramente sintonizada com um cinema não convencional, à realidade socioespacial do Ocidente. Para tanto, o lastro teórico também fora expandido a fim de abarcar o espectro conceitual da pesquisa, incluindo, além de teóricos da área do cinema, autores acercados ao tema das espacialidades na geografia e arquitetura.

RESULTADOS E DISCUSSÕES PRELIMINARES

A representação dos espaços mínimos, das paisagens em grande escala, das territorialidades indiferentes às necessidades individuais, dos lugares hostis aos afetos, que não propiciam sentimentos de topofilia, são elementos de construção adotados por Kar Wai para contar a história dos amantes chineses perdidos pela capital portenha. Em Felizes Juntos, as lentes capitaneadas pelo cineasta e seu diretor de fotografia, Christopher Doyle, capturam as mais diversas imagens representativas de espaços físicos, mas, sobretudo, psicológicos, capazes de exprimir o intemperismo moral latente em cada personagem.



A escala alheia à dimensão humana das rodovias, a urgência das grandes cidades, a imponente natureza mais extrema, contrapostos à atimia de espaços asfixiantes: o quarto da pensão decadente, a cozinha insalubre, o salão ultrapassado da casa de tango, o beco intimidador, a tetricidade do abatedouro. Nessa “dialética dinâmica” (BACHELARD, 2008) das espacialidades, a obra de Kar Wai estabelece uma linguagem visual que se apoia justamente na criação desses espaços a fim de se conectar à narrativa e às atitudes, aos valores e comportamento dos personagens.

Para tanto, a pesquisa aproxima a teoria do espaço no cinema aos estudos da geografia cultural e humanista, sobretudo no que diz respeito à percepção da paisagem e à experiência de lugar. Mas também se avizinha ao olhar geográfico crítico, preocupado em lançar luz sobre o estudo do território através de leituras baseadas na noção de pertencimento e identidade. O tema das espacialidades também será tratado pelo campo teórico da arquitetura, mais especificamente a partir da aproximação da área a uma abordagem fenomenológica interessada em compreender a apropriação dos lugares não apenas em face de suas dimensões físicas, mas, principalmente, simbólicas. Levando-se em conta as sutilezas e sinuosidades presentes no filme “Felizes Juntos”, o tratamento dado por este trabalho à obra de Wong Kar-wai ressalta a questão das espacialidades mediadas pelos afetos, refletindo, sobretudo, acerca das ideias de lugar.

REFERÊNCIAS:

ALVARADO DUQUE, C. (2019). ¿Puede el cine dar nos qué pensar? Wong Kar-wai y la poética del des-encuentro. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 42, n. 3, p. 171-190.

ELSAESSER, T.; HAGENER, M. (2018). *Teoria do cinema: uma introdução através dos sentidos*. Campinas: Papyrus Editora.

HAESBAERT, R. (2006). *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

MARTIN, M. (2005). *A linguagem cinematográfica*. Lisboa: Dinalivro.

PALLASMAA, J. (2001). *The architecture of image: existential space in cinema*. Rakennustieto Publishing.





RELPH, E. (1976). Place and Placelessness. London: Pion.

TUAN, Y. (1983). Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Ed. DIFEL

